

## VEJA, ISTOÉ E ÉPOCA: RECONTANDO A HISTÓRIA NO UNIVERSO MIDIÁTICO

Edjane Gomes de ASSIS\* (Cnpq- UFPB)

**RESUMO:** Os meios de comunicação constituem uma relevante importância em nossas vidas, de modo que tais meios funcionam como historiadores do presente, compreendem um fazer de uma “história imediata”. Inseridas neste universo histórico e midiático temos três das principais revistas semanais da imprensa brasileira: *Veja*, *Istoé* e *Época*. Tais revistas (re)contam os fatos através de mecanismos discursivos e ideológicos. Neste artigo percorremos as trilhas dos dizeres das revistas para entendermos como estas, sendo veículos de grande credibilidade no cenário midiático brasileiro, recontaram e resignificaram a figura do ex-presidente Juscelino Kubitschek. Nossa análise compreende as edições das revistas editadas entre o período de 25/08/1976 e 05/01/2006. Pensando assim, podemos elaborar as seguintes questões: Que discursos são reproduzidos? Como a história reaparece em suas lentes? E enfim, que outras vozes podemos escutar nas entranhas das matérias?

**Palavras-chave:** história, discurso, mídia.

**ABSTRACT:** The medias constitute an excellent importance in our lives, in way that such ways function as historians of the gift, of making of a “immediate history”. Inserted in this historical and median universe we have three of the main weekly magazines of the Brazilian press: It sees, *Istoé* and *Time*. Such magazines (reverse speed) count the facts through discursive and ideological mechanisms. In this article we cover the tracks of saying them of the magazines to understand as these, being vehicles of great credibility in the Brazilian midiático scene, had recounted the figure of former-president Juscelino Kubitschek. Our analysis understands editions of the magazines edited between the period of 25/08/1976 and 05/01/2006. That speeches are reproduced? How history reappears in its lenses? E at last, that other voices we can listen in the viscera of the substances? Word-key: history, speech, media.

Key-words: history, speech, media.

Desde os primórdios da Antiguidade Clássica e até mesmo anteriormente, o homem sentiu a necessidade de relatar os fatos, testemunhar e fazer parte de uma história. Poderíamos dizer que tal desejo percorreu a mente e o coração não apenas de Heródoto (considerado o pai da História), mas todo e qualquer indivíduo atuante neste universo social. Estamos falando aqui não apenas dos historiadores, mas de todo e qualquer sujeito que sente a necessidade de relatar algo, desde aquele que com sua câmera na mão, busca registrar alguma cena inusitada, ou momentos íntimos da família, ou qualquer outro evento, bem como, aquele sujeito legitimado por um Aparelho ideológico chamado Imprensa. Falamos do sujeito-jornalista este “historiador do instante”<sup>1</sup> que registra e reconta os fatos para o grande público. Este que participa de uma história – a chamada história imediata e é responsável por (in)formar os sujeitos, quer leitores, ouvintes ou telespectadores e passam a fazer parte do cotidiano das pessoas, documentando, registrando, reescrevendo e resignificando o acontecimento. Desse modo, Jornalismo e História cultivam uma intrínseca relação de proximidade. O jornalista se aproxima do historiador porque ambos fazem “voltar o acontecimento” (Nora) e ao longo do tempo caminharam juntos neste engenhoso processo de reescrita.

É com base nestes aspectos tão relevantes para a construção do dizer constituído por estratégias discursivas que tomamos neste artigo os pressupostos da História Nova e da Análise de Discurso de linha francesa. Veremos como a(s) história(s) volta(m) no universo midiático, sobretudo nas revistas conhecidas do público brasileiro: *Veja*, *Istoé* e *Época*. Consideramos que tais revistas por estarem inseridas nos chamados meios de comunicação constituem a História imediata. O que nos faz ver e entrever portanto, como estas recorrem à memória histórica e social para se significarem, se subjetivarem perante seus sujeitos-

---

\* Doutoranda pelo PPGL/UFPB. edjane.assis@ig.com.br

<sup>1</sup> Expressão utilizada por Albert Camus que segundo Lacouture foi um grande jornalista a que todo historiador do início da IV República deve se referir.

leitores. Estamos agora no espaço da história imediata, na instantaneidade do dizer, pois para Lacouture in (LE GOFF, 2001, p.128).

a imagem da “história imediata” (...) não pára de se mexer, recusando um verdadeiro enquadramento. Do jornalismo bem pouco rigoroso, praticado por homens imersos no acontecimento a ponto de serem, ao mesmo tempo, participantes e reflexos dele, à pesquisa propriamente histórica que tem por objeto um período bastante recente e recorre aos métodos da enquete-entrevista (...), cujos componentes irreduzíveis são, a um só tempo, proximidade temporal da redação da obra em relação ao tema tratado e proximidade material do autor em relação à crise estudada. (*grifo do autor*).

Nos dizeres do autor podemos observar que a história imediata diferencia-se da história clássica pelo dinamismo como é operacionalizado o objeto – o tema tratado - de modo que os lugares sociais e o tempo são determinantes para o “imediatista”<sup>2</sup>. O fazer histórico no jornalismo reproduz sentidos e atinge o imaginário social, assim as histórias registradas nas páginas das revistas são emolduradas, editadas, resignificadas para produzirem efeitos nos sujeitos-leitores. Esta “nova” forma de escrever a história compreende alguns dos aspectos considerados na História Nova. Há agora, um olhar sobre a história. Um olhar que percorra outras áreas do conhecimento e retire destas, características determinantes para sua constituição. A história vista com este aspecto caracteriza-se como uma releitura da história tradicional. Agora são relevantes não apenas a história de um homem, um rei, mas a história de homens, história de lugares, períodos demarcados cronologicamente. Temos então, um outro olhar constituído não como uma verdade absoluta, mas “verdades” construídas no e pelo discurso, conforme define Certeau (2002, p.67):

A história “objetiva”, (...), perpetuava com essa idéia de “verdade” um modelo tirado da filosofia de ontem ou de uma teologia de ante-ontem; contentava-se com traduzi-la em termos de “fatos” históricos... Os bons tempos desse positivismo estão definitivamente acabados. Desde então veio o tempo da desconfiança. Mostrou-se que toda interpretação histórica depende de um sistema de referência; que este sistema permanece uma “filosofia” implícita particular; que infiltrando-se no trabalho de análise, organizando-o à sua revelia, remete à “subjetividade” do autor.

Neste “novo” fazer histórico as noções de passado/presente, ou seja, a própria noção de temporalidade não é vista como algo natural, mas como uma construção determinada pelos elementos históricos, sociais e ideológicos. Semelhantemente, a noção de verdade, de neutralidade e objetividade da informação passam, pelas lentes do discurso jornalístico, uma opacidade dos sentidos, já que o sujeito-jornalista é elemento de um meio social e atua conforme uma história, uma ideologia.

Na basta apenas relatar os acontecimentos, mas testemunhá-los. Assim, entendemos que este dizer está estrategicamente construído e constituído por múltiplos dizeres e silêncios significantes. Consideramos que o sujeito-jornalista desde a escolha das matérias a serem publicadas, até as formas do dizer é marcado não apenas pelo fato histórico ou pela informação que pretende dar, mas, sobretudo, pelo modo como se utiliza de elementos historicamente construídos para resignificar este presente imaginário.

Pensando assim, escolhemos escutar aqui a(s) história(s) (re)contadas nas três revistas já citadas para observar como o jogo entre o verbal e o não-verbal atuaram e atuam como operadores de memória social em torno da figura do ex-presidente da República Juscelino Kubitschek. Veremos como sua vida e até mesmo sua morte estão representadas no (re)contar das revistas, e ainda, que outras histórias são silenciadas e evidenciadas pelos “historiadores do instante” e que elementos da história tradicional são retomados na história recriada pelas revistas. Nosso primeiro trabalho de “escuta” destas histórias está pautado na revista *Veja* de 25/08/1976 publicada na versão on-line que aparece da seguinte forma:

### **O Brasil diz adeus a JK.**

**A notícia se espalhou domingo à noite. Na segunda, no Rio e em Brasília,  
o povo carregou nos ombros o corpo de seu ex-presidente.**

---

<sup>2</sup> Para Lacouture o jornalista é um imediatista porque atua na História imediata.

Na capa desta edição de 1976 podemos observar que o jornalista ocupa uma função de historiador em não apenas relatar o fato (a morte de Juscelino), mas testemunhar este acontecimento. O jornalista faz voltar a história na instantaneidade do dizer. Para tanto, recorre a seus arquivos on-line em busca de elementos que constituam a memória social dos brasileiros. Com esta estratégia insere a revista em um veículo que preserva a história – a memória nacional e constrói um efeito de modernidade ao trazer a história no meio eletrônico – internet. Quando narra esta morte de forma detalhada com abundância de recursos expressivos o sujeito-jornalista vai se posicionando como uma testemunha ocular dos fatos, de modo que o sujeito-leitor vai também mergulhando neste ambiente e transformando-se numa peça atuante deste acontecimento – um sujeito que vê através dos olhos do outro. Assim, nesta relação entre jornalista e leitor a voz do primeiro é legitimada pela imprensa que atinge valores de verdade e credibilidade. O jornalista não apenas relata, mas testemunha o fato. Cultiva então um fazer historiográfico reconduzido pela mídia. É o que afirma Le Goff:

este aspecto da história-relato, da história-testemunho, jamais deixou de estar presente no desenvolvimento da ciência histórica. Paradoxalmente, hoje se assiste à crítica deste tipo de história, devido à vontade de colocar a explicação no lugar da narração; mas, também, ao mesmo tempo, presencia-se o renascimento da história-testemunho por intermédio do “retorno do evento” (Nora), ligado à nova mídia, ao surgimento de jornalistas entre os historiadores e ao desenvolvimento da “história imediata”. (LE GOFF, p. 2001, p.9).

O acontecimento aqui não pode ser visto apenas como um fato histórico, ou um “furo de reportagem” dado pela revista na edição extra da *Veja* de 1976, mas um acontecimento que nos leva a outros acontecimentos, a outros dizeres, outros sentidos. E o que seria então este acontecimento tão essencial tanto para a História quanto para o jornalismo? Para Foucault o acontecimento é visto

não como uma decisão, um tratado, um reino, ou uma batalha, mas uma relação de forças que se inverte, um poder confiscado, um vocabulário retomado e voltado contra seus utilizadores, uma dominação que se enfraquece, se distende, se envenena e uma outra que faz sua entrada, mascarada. (FOUCAULT, 2000. (p.28).

Como vemos no dizer de Foucault, o acontecimento nesta perspectiva não é algo apenas ligado a um fazer da história linear, como uma batalha, um feito heróico, uma guerra ou a conquista de um reino. O acontecimento visto numa outra reconfiguração é algo mais amplo, constituído pelas relações de forças e por uma espécie de ruptura, ou um processo que é ampliado por Foucault pelo termo *acontecimentalização*. Não basta apenas fazer voltar o acontecimento, não basta apenas falar do acidente e dizer quem estava naquele carro. É preciso mais do que isso. A notícia precisa tentar reproduzir o espírito da tragédia, afinal quem morreu foi alguém que ocupava um lugar e posição social legitimado. Para projetar a imagem de Juscelino a matéria tenta estabelecer um vínculo entre o sujeito social (Presidente) e o sujeito indivíduo (o pai, o marido, etc.). A revista vai então, utilizando expressões que reverenciem esta figura ilustre e que deixou os brasileiros órfãos. Um efeito de sentido constituído em vários trechos da matéria como neste por exemplo:

**AMIGO DOS MOTORISTAS** - No Rio, a manhã de segunda-feira começava a nascer quando o Instituto Médico Legal deu por terminada a autópsia do ex-presidente. Pouco depois das 6 horas, todo coberto de pétalas de rosas e cravos vermelhos, o corpo de Kubitschek chegava à sede da revista Manchete, na praia do Russel, onde seria velado. E ali começaria o que foi a maior homenagem popular já prestada pelo Rio de Janeiro, nos últimos vinte anos, a qualquer figura política brasileira. Logo se formou uma fila de centenas de metros de extensão, que esperava pacientemente sua vez de entrar no saguão do prédio - quem entrava não queria sair. Algumas pessoas gritavam, a maioria chorava. E explosões de afeto se sucediam umas após as outras. De repente, por exemplo, uma voz se ergueu, enérgica: "Depressa, queremos ver nosso amigo, o amigo dos motoristas". Quem gritava, entre soluços, era um homem alto, forte, de óculos. Levado para junto do corpo, discursou: "Que Santo Pai e Nossa Senhora de Fátima lhe dêem o reino dos céus. Tudo de bom para você, Juscelino. Descanse em paz, meu presidente". Minutos depois, mais calmo, o homem se identificava - José Gomes, "um simples motorista", pioneiro de Brasília, a quem JK abraçou um dia, "apesar de eu estar todo sujo". (VEJA ON-LINE, 1976.)

Com esta estratégia da história-relato para a história-testemunho o sujeito-jornalista vai mantendo uma relação de proximidade com os sujeitos-leitores. Quanto a esta forma de relatar Charadeau (2006), faz a seguinte observação:

Dizer *o que aconteceu* significa que não há consciência temporal entre o dito e o fato e que relato que se instaura ente os dois só pode ser de *reconstituição*. Assim, o problema que se coloca é o da veracidade da reconstituição, se seu grau de verossimilhança que pode ir do mais provável ao improvável, e mesmo ao inventado. Tornar verossímil é tentar fazer crer que o relato corresponde à reconstituição mais provável, apresentando-se o dito como o mais fiel possível ao fato tal como se realizou. (*Grifos do autor*). (CHARAUDEAU, 2006, p.89).

É necessário observar o seguinte aspecto: como se trata aqui do relato publicado na revista em que não há imagens em tempo real como na TV, a história reproduzida pelo jornalista reproduz também seu olhar e a tonalidade com que este dizer vai repercutir nos gestos de interpretação dos sujeitos-leitores. A própria expressão *Amigo dos motoristas* e a sucessão de fatos narrados por este “historiador” vão desenhando o perfil de Juscelino: um homem do povo, humilde, simples e até mesmo reverenciado por todos.

De 1976 chegamos em 2005 em outra matéria publicada pela mesma revista. Quando consideramos que o discurso muda conforme os lugares e sujeitos que o proferem, vemos que anos depois agora na edição de 28/12/2005, a revista já ressurgue com um outro dizer. Na seção *Televisão*, *Veja* tece alguns comentários sobre uma minissérie da *Rede Globo* que trata da biografia de Juscelino. O título da matéria aparece assim:

### **O Pelé dos presidentes**

**Juscelino Kubitschek ganhou a aura da santidade política. Mas, como mostra a série JK, seu governo teve um lado nada abonador.**

Percebemos aqui uma mudança nas tonalidades do dizer da matéria. De 1976 para 2005, a revista projeta outro Juscelino. A presença da ironia é notada no título e nos dizeres que seguem. A ironia funciona como uma forma de silenciamento, um não-dito que carrega consigo outras vozes, daí seu aspecto polifônico conforme está “evidenciado” nos seguintes trechos: *Pelé dos presidentes e ganhou aura de santidade política*. A memória volta através de uma opacidade. Aquele presidente humilde, amigo dos motoristas, ressurgue agora como um político que comete alguns “delitos”. A revista evidencia que a minissérie irá mostrar este lado digamos, negativo de Juscelino:

O canteiro de obras de Brasília foi reproduzido numa cidade cenográfica quase do tamanho de um campo de futebol, com maquetes de até 6 metros de altura. As polêmicas que cercaram a construção serão mencionadas. Com base no testemunho de figuras atuantes no período, como o ex-presidente José Sarney, os autores defenderão que JK foi responsável pela disseminação de um malfadado costume político: a prática do “é dando que se recebe”, a oferta de benesses aos deputados em troca de apoio. Por meio de um político fictício (Caco Ciocler), será mostrado que seu governo facilitava o financiamento de apartamentos funcionais na futura capital, com o objetivo de comprar os votos de congressistas. Também se falará sobre a tentativa (frustrada) de criação de uma CPI que investigaria as relações suspeitas entre JK e empreiteiras que participaram da construção da capital. (VEJA ONLINE, 28/12/2005).

É interessante observar como o acontecimento é de certa forma, determinante na construção discursiva. Na primeira matéria analisada vimos que para relatar a morte de Juscelino e ao mesmo tempo, manter o espírito melancólico do funeral, a revista foi projetando um sujeito quase que imaculado, ou alguém que adquiriu ares de santidade depois da morte. Já neste outro momento, em outra instância do dizer, Juscelino reaparece agora não como um indivíduo comum, mas um sujeito que ocupa um lugar legitimado e exerce neste lugar não apenas uma dominação, mas uma manipulação diante o povo. O “santo” é projetado agora como um político que trouxe a dívida externa para o Brasil e por construir uma cidade que custou muito caro aos cofres públicos. Uma mudança discursiva vista por Pêcheux da seguinte forma:

As palavras, expressões, proposições etc. recebem seu sentido da formação discursiva na qual são produzidos. Os indivíduos são “interpelados” em sujeitos falantes (...) pelas formações discursivas que representam na “linguagem” as formações ideológicas que lhes são correspondentes. (PÊCHEUX, 1997, págs. 160-161)

Percebemos assim, que a objetividade e a neutralidade na informação neste ato de relatar, não apareceram nas duas matérias analisadas, pois, quem sempre conta, conta a partir de um lugar, uma ideologia e uma história. Efeitos que constituem um *a priori histórico* que para Foucault:

Deve dar conta dos enunciados em sua dispersão e do fato de que o discurso não tem apenas um sentido ou uma verdade, mas uma história, e uma história específica que não o reconduz às leis de um devir estranho. O *a priori* não escapa à historicidade. Define-se como um conjunto de regras que caracterizam uma prática discursiva. (FOUCAULT, 2004, p.13).

No momento em que o sujeito-jornalista utiliza o título *O Pelé dos presidentes* vemos que este historiador do instante recorre a uma memória, a um dito em outro lugar, outro momento para (re)significar este dizer. Quando vamos percorrendo os sentidos presentes nos dizeres e não-dizeres desta matéria, vemos que a comparação de Juscelino com Pelé “o jogador de futebol de todos os tempos, o atleta do século” (dizer já cristalizado na memória social), está construída através de um efeito irônico, conforme está dito, Juscelino não é santo, mas *ganhou a aura de santidade política*. Deste modo, a história vai sendo reconstruída pela *Veja* em dois momentos (1976 e 2005) cujos sentidos reproduzem os lugares e posições dos sujeitos destes dizeres. O olhar deste “fazedor de história” perpassa toda a matéria e pode ou não coincidir com os múltiplos olhares dos leitores, pois os efeitos de verdade atingem os leitores de diversas formas. E na *Istoé*? Que histórias podemos escutar sobre nosso ex-presidente? Vejamos a capa publicada na edição de 11/01/2006:



Istoé 11/01/2006

A “vitrine” do veículo impresso – a capa - procura registrar a história nesta volta do acontecimento através da imagem que funciona aqui como um operador de memória social. A oposição entre passado e presente se confunde nesta capa. Temos a imagem de Juscelino que ocupa quase toda a capa projetada em cores, e ao fundo, a cidade de Brasília e automóveis em preto e branco que contrastam com o colorido da foto de Juscelino. As iniciais JK emolduradas pelo amarelo têm também no seu interior imagens de Brasília. Elementos que dialogam entre si e estabelecem um jogo entre o verbal e o não-verbal. A revista já na capa, coloca-se como uma revista que cultiva uma memória, uma história e pretende fazer isso com uma pergunta *Por que o mito sobrevive?* Mas uma pergunta que já carrega uma resposta, ou seja, o olhar que reproduz um discurso da credibilidade e procura se auto-afirmar enquanto revista séria, que cultiva a verdade. É importante dizer que os “acontecimentos” que moveram a publicação desta matéria estão intimamente relacionados com o espírito da eleição presidencial brasileira. Uma eleição que envolveu os principais candidatos Luís Inácio Lula da Silva e Geraldo Alckmin. Perguntamos então: Por que a revista neste momento busca em seus *documentos* que são transformados em *monumentos* a figura de Juscelino para compor sua capa? Que história(s) pretende a revista (re)escrever? E que “verdades” pretende instaurar?

Quando focalizamos o interior da revista, a matéria propriamente dita, vemos que os dizeres estão constituídos por um discurso patriótico, um discurso do vencedor, em que Juscelino figura um verdadeiro brasileiro. Este discurso aparece assim:

### O inimitável

De olho nas urnas, candidatos se guiam pelo retrovisor da história e tentam encarnar JK. Só falta um plano para alavancar o País

A revista busca atributos para JK – o inimitável – e o projeta como alguém sem artifícios ou máscaras. Os dizeres *candidatos se guiam pelo retrovisor da história* está carregado de sentidos. Há aqui uma projeção não apenas para o passado, para a memória social, mas a projeção de um presidente que alavancou a indústria automobilística, conforme vemos na palavra *retrovisor*. E mesmo que apareçam outros candidatos buscando eleger-se não se aproximam de Juscelino – este *inimitável*.

O relato começa através de associações com outras áreas. Aqui a política ou a forma de governar está associada com o futebol.

Foi justamente naqueles anos dourados de JK que os brasileiros experimentaram, pela primeira vez, o gosto da vitória na Copa do Mundo (na Suécia, em 1958). Neste ano o País vai torcer para que os nossos jogadores conquistem pela sexta vez o campeonato mundial e para que os nossos políticos coloquem em prática, finalmente, um projeto de nação. (ISTOÉ ON-LINE, 11/01/2006).

Para a *Istoé*, o fato de o Brasil ter sido vitorioso na copa de 1958 está intimamente relacionado com o presidente JK. Momentos tão significativos que foram chamados de *anos dourados*. Temos aqui um discurso que tenta resgatar a memória social de um povo para resignificar o presente e contribuir para a produção de efeitos de sentido nos sujeitos-leitores. Buscar na história, olhar para o retrovisor neste dizer constituído, é procurar voltar aos anos dourados já que era época de Copa do Mundo e o mesmo espírito de esperança deve estar projetado também para a eleição do Presidente da República. Mas segundo a revista, ainda não surgiu nenhum candidato que possua de fato, um plano de governo, um projeto que possa mudar a realidade do país. Assim, ao mesmo tempo em que vemos uma reafirmação do passado, vemos uma negação do presente. A figura de Juscelino volta como uma espécie de utopia, um Presidente da República digno, honesto, ou até mesmo alguém que traz um bem-estar à população, uma atmosfera capaz de fazer com que o país ganhasse o campeonato mundial. Para reafirmar a imagem empreendedora de Juscelino e ainda para mostrar como se governa a revista busca nos documentos, nos arquivos momentos importantes da vida política de Juscelino através de fotografias distribuídas ao longo das páginas.



**Tocador de obras:** Obcecado por asfalto, Juscelino abriu o Interior construindo a Belém–Brasília e botou o País sobre rodas ao inaugurar em 1959 a Volkswagen. As barragens permitiram a rápida industrialização. Ele semeou hidrelétricas pelo País. Em pouco mais de três anos de governo inaugurou Furnas.

Segundo Davallon( *in* ACHARD, 1999, p.27), “a imagem oferece uma possibilidade (...); mas ela pode também conservar a força das relações sociais e fará então impressão sobre o espectador”. Na revista esta imagem funciona como um operador de memória social. As fotografias que são documentos tratados pelos sujeitos-jornalistas transformam-se em monumentos como bem define Foucault: “a história é o que transforma os *documentos* em *monumentos* e que desdobra onde se decifram rastros deixados pelos homens.

Assim, a história volta-se para uma arqueologia, para uma “descrição intrínseca do monumento”. Registrar a história desta forma, reafirma o dizer do sujeito-jornalista e ressurgem para os sujeitos-leitores não apenas como um alguém que relata o acontecimento, mas que também testemunha. Neste diálogo construído

entre o verbal e não-verbal o sujeito-jornalista procura resgatar uma outra época, um outro lugar, um outro dizer para reafirmar um discurso construído desde a capa até as páginas finais da matéria. O discurso do progresso, da “modernidade”, da “atualidade” está figurativizado em JK – “o inimitável”, alguém tão especial no dizer da revista, que por mais que outros políticos/candidatos tentem imitá-lo jamais conseguirão tal façanha. Juscelino nesta matéria além de ser *inimitável é um tocador de obras*. Efeitos de sentido instaurados nas fotografias projetadas e editadas desta forma, “revelam” que o presidente ultrapassava todos os obstáculos seja na mata, no asfalto ou na água. É o que notamos na legenda da foto que reafirma este dizer e contribui para a imagem positiva de Juscelino - um presidente que trouxe o progresso para o Brasil.

O fazer histórico no universo da revista resgata uma história de vencedores de modo que este vencedor está transfigurado em apenas um sujeito – Juscelino Kubitschek. Neste dizer, a revista silencia outras histórias, outros sujeitos atuantes também em outros lugares. Contrariamente, no olhar da História Nova é considerado como aspecto analítico não apenas a história de um homem, um rei, mas a história de homens, história de lugares, de outros períodos que também se (re)significam. Assim, são relevantes os diversos aspectos sociais, econômicos, culturais, enfim elementos que marcam épocas. A história não é então uma ciência do passado mas do próprio presente.

Até aqui vimos que as revistas projetaram suas lentes em um vencedor – Juscelino Kubitschek, o homem que construiu Brasília, que abriu estradas, que ultrapassou obstáculos. Este dizer apaga ou silencia a voz daqueles que também fizeram parte deste progresso. A voz de milhares de homens e mulheres, em sua maioria nordestinos que deixaram suas famílias para levantar prédios, abrir matas para a construção de rodovias. A história dos vencedores é uma tendência clássica que é reafirmada no dizer jornalístico.

O discurso pedagógico também reproduz estes silêncios. Nosso livros didáticos por exemplo, trazem a Antiguidade egípcia, os faraós, pirâmides ou grandes templos, sabemos até o nome dos faraós, dos deuses por eles cultuados. No contar da história do nosso país vemos os reis e suas esposas, os senhores de engenhos, os grandes literatos. No entanto, há certo silenciamento no que concerne ao processo de construção de tais templos, dos sujeitos que levantaram cada bloco que pesava toneladas para edificar tais monumentos, na construção dos grandes salões e mansões da alta burguesia. Os escravos que trabalharam para o crescimento do país, ou seja, os anônimos que atuaram nos bastidores desta história são silenciados, mas um silêncio constitutivo de sentidos. Já no âmbito da história imediata, no discurso jornalístico é significativo o número de revistas renomadas que evidenciam empresários, homens de sucesso, donos de bancos, que são vistos como exemplos de determinação e conquistas. E mais uma vez é silenciada a voz dos milhares de trabalhadores, como os motoristas por exemplo, que cruzam as estradas do país (em sua maioria em péssimas condições) para levar mercadorias que abastecem o país.

Escutar estas outras vozes que a escola, a igreja e tantas instâncias sociais silenciaram compreende uma das propostas dos *Annales*<sup>3</sup>. De acordo com Burguière (apud Le Goff, 2005) os *Annales* assumem a seguinte posição:

A posição dos *Annales* veicula, (...), certo populismo: é preciso conceder direito de cidadania à história dos humildes, ao lado da história dos poderosos; o obscuro camponês que melhora a técnica do *essartage* no âmbito de um sistema de gestos herdados e de uma paisagem aparentemente imóvel é um agente histórico tão importante quanto um general que ganha uma batalha. No entanto mais profundamente, ela se baseia numa concepção multidimensional da realidade social, tendo cada dimensão, ou antes, cada nível, vocação ao mesmo tempo para esboçar sua própria história e para encontrar um modo de articulação com os outros, a fim de construir o movimento de uma sociedade. BURGUIÈRE in LE GOFF, 2001, p15).

Na revista *Istoé* há uma história de vencedores, mais precisamente de um vencedor. A história ressurge através da memória social para (re)significar o presente. A “história-relato” e “história-testemunho” condicionam o fazer discursivo do sujeito-jornalista figurativizado pela revista. Primando pelo compromisso com a sociedade, a revista com este discurso procura alertar o sujeito-leitor/eleitor para a escolha do Presidente. Alguém que possa, pelo menos, fazer o que JK fez, alguém que olhe para o futuro. Ironicamente, a revista já “desenha” este possível presidente e até mesmo o atual, como alguém que jamais terá a competência de JK, já que este é *Inimitável*.

Continuamos “ouvindo” estas histórias narradas pelas revistas. Agora veremos como Juscelino Kubitschek reaparece no dizer da revista *Época*. Vejamos se há ou não uma reafirmação do discurso das revistas analisadas anteriormente.

Vejamos a capa publicada na edição de 05/01/2006.

<sup>3</sup> Revista criada em 1929 por Marc Bloch e Lucien Febvre inaugurando uma chamada “revolução francesa historiográfica”.



Edição 399 - 05/01/2006

Na capa da *Época* está estabelecida certa relação de sentido com a capa da Istoé aqui analisada. Elementos, cores, posição de cada imagem bem como, a seleção do texto verbal contribuem para os efeitos que se pretende instaurar na matéria. O título contido na capa diz o seguinte:

**JK**  
**Sonhos & desilusão**  
**A polêmica sobre o governo e o legado de Juscelino Kubitschek**

A matéria intitulada: A visão e o legado de JK mostra uma série de paradoxos que marcaram o governo de JK. Em alguns trechos os jornalistas afirmam o seguinte: o melhor retrato dos anos de JK está expresso nos maiores sucessos musicais da época: o sonho de “Chega de saudade” e a desilusão de “Meu mundo Caiu”. Como na Istoé a *Época* utiliza em sua matéria várias fotos os “documentos” que retratam os momentos de JK e seus feitos e reforçam o que está dito. Diferentemente das outras revistas as fotografias publicadas na *Época* são bem maiores e algumas chegam a ocupar todo o espaço da página. Para contar a história de JK é atribuída a voz de outro sujeito legitimado para descrever o que compreendeu a gestão de Juscelino como Presidente da República:

“O mito JK é apenas isso, um mito. Sua herança é a inflação descontrolada, a irresponsabilidade fiscal, o endividamento excessivo, a megalomania das obras eleitoreiras, a subvenção industrial e o intervencionismo do Estado”, ataca Eustáquio Reis, diretor de Estudos Macroeconômicos do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). (*ÉPOCA*, Ed. 399 - 05/01/2006, p.68).

O discurso citado é uma prática do jornalismo que contribui para a credibilidade e objetividade do que está sendo dito e que caracteriza um dizer polifônico. Um texto constituído por outras vozes que legitimam o discurso. O caráter da veracidade da informação está alicerçado na atribuição de voz a um especialista no assunto – um economista. Para o economista JK trouxe o progresso mas também a dívida.

As páginas que seguem a matéria (páginas 70 e 71) trazem fotografias de alguns momentos da vida de JK. Na primeira imagem aparece JK ajoelhado aos pés do papa Pio XII, em seguida ele posa com alguns amigos e alguns músicos numa festa e na terceira fotografia que recheia a parte superior destas páginas temos o time da primeira vitória do Brasil na copa do mundo. São registros que foram guardados nos arquivos jornalísticos e são resignificados aqui para demarcar a imagem de JK como um sujeito religioso, que mantém uma vida social, e ainda uma imagem associada à vitória da Copa.

E na parte inferior destas páginas esta volta do acontecimento é vista nas imagens e fotografias que mostram os acontecimentos no mundo simultaneamente ao governo de JK. As imagens vêm acompanhadas do seguinte título: *Enquanto JK governava o Brasil, os horrores do stalinismo eram revelados na URSS, Fidel iniciava seu longo reinado em Cuba e americanos disparam no Sudoeste da Ásia os primeiros tiros de Guerra do Vietnã.*

Cada momento, cada dizer é retomado nas imagens juntamente com as datas que marcam cronologicamente estes acontecimentos.

1956 – Nikita Krushev denuncia os crimes cometidos pelo ditador Josef Stalin durante o XX Congresso do Partido Comunista da União Soviética. 1957 – Elvis Presley maior estrela do nascente rock’n’roll, compra a mansão Graceland. 1958 – Em 28 de outubro, o cardeal Angelo Giuseppe Roncalli é escolhido como o novo papa. 1959 – Em 1º de janeiro,

os rebeldes comandados por Fidel Castro descem de Sierra Maestra e expulsam de Havana o ditador Fulgêncio Batista. 1960 – Acontecem no Vietnã os primeiros e violentos combates entre as tropas americanas e os vietcongues liderados por Ho Chi-Minh.

O recontar da história é visto nestes dizeres como forma de situar o sujeito-leitor e reconduzi-lo para uma outra época observando o que acontecia simultaneamente em outros lugares e em outras áreas como a da música por exemplo. A questão do tempo demarcado pelo historiador e sobretudo, para o historiador imediato é um processo de construção. Segundo Leg Goff,

A distinção passado/presente (...) é a que existe na consciência coletiva, em especial na consciência social histórica. Mas torna-se necessário, antes de mais nada, chamar a atenção para a persistência desta posição e evocar o passado/presente sob outras perspectivas, que ultrapassem as da memória coletiva e da história. (LE GOFF, 2001. p.13)

Isto porque na perspectiva da “nova” história a oposição passado/presente é um processo de construção visto diferentemente em cada área do conhecimento como a Psicologia, a Linguística, a História tradicional e outras. Na história imediata o passado funde-se com o presente e o futuro para instaurar efeitos de sentido. Foi o que vimos nas imagens das capas e nas fotografias utilizadas nas revistas. O acontecimento volta para produzir outros acontecimentos, para reescrever outras histórias presentes numa memória coletiva. Um processo construído por uma mídia que

não somente transforma o presente em acontecimento jornalístico, como também lhe confere um estatuto histórico. Desse modo, a sociedade assiste ‘a história do tempo presente sendo construída, no interior dos aparelhos de comunicação de massa, sob a tirania do acontecimento. Na mídia, podemos encontrar rastros de uma memória enquadrada, uma vez que ela se constitui em suporte de captação de lembranças, o que coloca o jornalista entre os historiadores, como uma função específica de ser um “profissional da memória”. (GREGOLIN, 2004, págs. 116 e 118).

Assim, a *Época* para fazer a publicidade da minissérie JK exibida pela emissora *Globo* (grupo que editora a revista), vai recontando o que representou o governo de JK. A matéria da *Época* como as outras analisadas estão constituídas por não-ditos, silêncios, ironias, e uma infinidade de vozes que ora aparecem produzindo sons ensurdecedores, ora apenas sussurram. Quando as revistas se dispõem a recontar esta história procuram estabelecer uma espécie de parceria com seus leitores-eleitores. Recorrer à memória do país é para estas, alertar seus leitores para as eleições presidenciais. Para isto, a figura que melhor exemplifique o político “ideal” é JK. Nos dizeres das revistas mesmo que este tenha “errado” o discurso do progresso, o poder empreendedor perpassa os demais dizeres. Idéias já evidenciadas desde a Antiguidade Clássica e alvo de várias reações ao longo do tempo.

Nesta breve análise observamos que a história vai sendo reescrita e reconstruída mediante o olhar de quem a está narrando. Temos a reprodução dos discursos das revistas, que por sua vez, já reproduzem os dizeres cristalizados na sociedade. Agindo como “os olhos da sociedade”, ou “veículos formadores de opinião”, as páginas recheadas de fotografias da época de JK reativam a memória dos adultos e apresentam esta história para os mais jovens que não vivenciaram esta época. *Veja* em seus dois momentos (1976 e 2005), *Istoé* e *Época* atuaram como vozes legitimadoras do contar, como os “heródotos da mídia”. As três revistas reforçam e reafirmam a história dos vencedores, o ideal da conquista, da modernidade, do progresso. Apagaram outras faces e silenciaram outras vozes que também fizeram-se presentes neste momento. Muda-se a mídia, mas a ideologia continua, mudam-se os meios, mas não a prática. Os faraós, os senhores de engenho, os conquistadores estão figurativizados em JK – *o inimitável*, *o Pelé dos presidentes*, “mecanismo de exclusão” (Foucault) cristalizados numa histórica vista de cima.

## Referências bibliográficas

ACHARD, Pierre (et al.). *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.

CERTAU, Michel de. *A escrita da história*. 2 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

\_\_\_\_\_. *A invenção do cotidiano*. 11 ed. Petrópolis: Vozes, 2005

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 6ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

\_\_\_\_\_. *Arqueologia do saber*. 7 ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

\_\_\_\_\_. *Microfísica do poder*. 21 ed., Rio de Janeiro: Edições Graal, 2005.

\_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas*. 8ed. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

GREGOLIN, Maria do Rosário. *Foucault e Pêcheux: na análise do discurso – diálogos e duelos*. São Carlos: Claraluz, 2004.

LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 5 ed. São Paulo: Ática, 1997.

LE GOFF, Jacques. *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. *História e memória*. 5 ed., Campinas: Editora da UNICAMP, 2003.

MANGUEL, Alberto. *Lendo imagens: uma história de amor e ódio*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

PÊCHEUX, Michel. *O discurso – estrutura ou acontecimento*. 2 ed. Campinas: Pontes, 1997.

REVEL, Judith. *Foucault – conceitos essenciais*. São Carlos: Claraluz, 2005.

#### **Revistas:**

O Brasil diz adeus a JK. Disponível em: <http://www.vejaonline.com.br> Acesso em: 10 de out. 2006.

O Pelé dos presidentes. Disponível em: <http://www.vejaonline.com.br> Acesso em: 10 de out. 2006.

JK: Por que o mito sobrevive? Disponível em: <http://www.istoeonline.com>. Acesso em: 10 de out. 2006.

JK: sonhos e desilusão. *Época*, São Paulo, n.399, p.64-73, 09 de jan. 2006.